

**Memorial do Rio Grande do Sul
Caderno de História, nº 22
Antonio Augusto Fagundes¹**



TRADICIONALISMO

¹ Nico **Fagundes** é advogado, jornalista, ator, compositor, escritor, antropólogo, historiador e um dos maiores folcloristas do Rio Grande do Sul. Durante toda sua trajetória, dedica-se a estudos relacionados à tradição gaúcha, divulgando nossa cultura através de seus inúmeros prêmios recebidos. Sejam eles em declamações, poesias, danças folclóricas, teses e composições musicais gauchescas. É autor de 17 livros e mais de 300 canções, entre elas o famoso Canto Alegretense e o tema de abertura do programa, Origens. Desde 1982 é o apresentador do Programa Galpão Crioulo e em 1984 também passou a comandar o programa de Rádio Galpão Nativo na Rádio Gaúcha AM.

Tradicionalismo

Quando o primeiro gaúcho deixou a campanha e se mudou para a cidade bateu-lhe inelutavelmente aquilo que Manoelito de Ornellas chamou “a nostalgia dos transplantados”, a saudade dos pagos, que ele, o gaúcho, tratou de amenizar com o uso diário do chimarrão, com a culinária gauchesca e até mesmo com a utilização discreta ou ostensiva das pilchas campeiras. Era o começo da tradição gaúcha, cujo culto, mesmo hoje em dia, com todas as maravilhas e a alta tecnologia do mundo moderno, está cada vez mais forte.

Entre nós, **Tradição** é um culto, o culto dos valores que os antepassados nos legaram. No mundo jurídico a tradição é a entrega de um bem pelo qual se pagou o justo preço e pelo qual o homem recebe o bem que adquiriu pela compra. No mundo cultural, a Tradição é a entrega de valores culturais de uma geração para outra. Claro que a tradição, assim entendida, não é uma exclusividade do Rio Grande do Sul: existe praticamente em todos os povos, mais exacerbada nos grupos sociais onde coexistem duas sociedades paralelas, uma rural e uma urbana, não conflitantes e até freqüentemente aliadas, como no nosso caso.

O nativismo

Que valores são esses? Bem notável entre eles é o **Nativismo**, o amor que o homem sente normalmente pelo chão onde nasceu. Então, o Nativismo é um sentimento.

Mas há outros valores no culto da Tradição: o apego aos usos e costumes rurais (o chimarrão, a indumentária tradicional, a coragem, o civismo, o respeito pelo fraco e pelo vencido, o cavalheirismo para com a mulher, o respeito pelos mais velhos, o amor pelas artes regionais, na poesia, na prosa, na música, nas artes visuais...).

A tradição “*comme il faut*” existe assim no Rio Grande do Sul desde sempre, mas como um culto individual que qualquer gaúcho pode professar em qualquer parte. Tenho para mim que a mais antiga manifestação expressa da tradição gaúcha é o chamado – embora sem título – Soneto Monarca, certamente escrito por José Antonio do Valle Caldre e Fião e que consta no seu livro “O Corsário”, escrito lá pela metade do século XIX, posterior ao seu primeiro romance “A Divina Pastora”, hoje redescoberto.

Depois veio a coletânea de vocábulos e frases usados na Província, conforme pesquisa de Antonio Álvares Pereira Coruja, também da metade do século passado, com a evidente intenção de preservar os falares da gente da campanha gaúcha. Em seguida aparece a silva de quadrinhas recolhida pelo incrível alemão agauchado, ex-Brummer, Carlos Koseritz, que teve a péssima idéia de enviar para Sílvio Romero, coleção que o pernambucano publicou sem indicação do trabalho de Koseritz².

A descoberta do Gaúcho

No último quartel do século XIX, o Romantismo já se impusera ao Classicismo, derrocando os vetustos padrões greco-romanos, clamando pela conscientização nacional e regional. Prontamente surgem no Brasil, como subcorrentes do Romantismo, o Condoreirismo, com Castro Alves, o Indianismo, com Gonçalves Dias e José de Alencar e o Regionalismo, com o mesmo Alencar publicando *O Sertanejo* e *O Gaúcho*.

Aqui, na Província, o impacto foi grande. Intelectuais gaúchos liderados por Apolinário Porto Alegre "descobrem" o gaúcho e a rica temática da campanha. Prontamente "ressuscitam" o Caldre e Fião da *Divina Pastora* e *O Corsário* e fundam o Partenon Literário, onde aparecem prestigiados os poetas pré-gauchescos Bernardo Taveira Junior e Múcio Teixeira. Apolinário publica duas novelas importantes: "O Vaqueano" e "O Crioulo do Pastoreio".

No rastro sangrento da Revolução de 93, aparece o santa-mariense João Cezimbra Jacques com seu *Ensaio* e, já no século XX, os famosos *Assumptos do Rio Grande do Sul*. Antes, porém, Cezimbra Jacques estava impressionado negativamente pela divisão da família gaúcha com a herança de ódios de pica-paus e maragatos. Inspirado pela fundação, em Montevideu (1894), de "La Criolla", uma associação tradicionalista para a defesa das tradições gauchescas uruguaias ameaçadas pela crescente invasão dos gringos na campanha oriental, Cezimbra Jacques sonhou um movimento tradicionalista rio-grandense que unisse e congregasse a família gaúcha em torno de ideais comuns e fundou, em Porto Alegre, a 22 de maio de 1898, o Grêmio Gaúcho. Ou seja, Cezimbra Jacques tentou criar entre nós o **Tradicionalismo**, um movimento cívico-cultural, valorizando e preservando as tradições gauchescas do Rio Grande do Sul.

² *Brummer: assim eram denominados os alemães contratados pelo império brasileiro, pelo período de 4 anos, para virem lutar nas Guerras Cisplatinas, em 1851.*

O Proto-tradicionalismo

No começo, o Grêmio Gaúcho foi um sucesso: com a presença de autoridades, intelectuais, jornalistas e pessoas gradas da sociedade, o Grêmio Gaúcho organizava bailes, churrascos, cavalhadas entre mouros e cristãos e carreiras de cancha reta. Logo teve seguidores: a 10 de setembro de 1899, funda-se, em Pelotas, a União Gaúcha, onde brilha o nome de João Simões Lopes Neto, o grande contista. Seis dias mais tarde, funda-se em Bagé o Centro Gaúcho. Em 12 de outubro 1901, em Santa Maria, outro Grêmio Gaúcho. E falava-se na fundação de associações assemelhadas em Rio Grande e em Uruguaiana. Em suma, parecia que o Tradicionalismo era uma realidade. Mas não. Com o tempo, todo aquele esforço esmoreceu. Poucos vestígios restaram dessas tentativas. Cezimbra Jacques foi transferido para o Rio de Janeiro, onde morreu e onde até hoje seus ossos repousam à espera de uma volta definitiva aos pagos natais, como ele queria, e o Grêmio, que tão esperançosamente fundara, passou por transformações; existe hoje apenas a sua sede no bairro da Glória, em Porto Alegre, que dá uma boa visão do seu passado de esplendor. A União Gaúcha, em Pelotas, paralisou as suas atividades ainda nos começos do século XX, mas ressuscitou muitos anos mais tarde, já ao sabor do movimento iniciado pelo CTG 35, em Porto Alegre, com o nome de União Gaúcha J. Simões Lopes.

Por que não deu certo o Tradicionalismo de Cezimbra Jacques nascido sob tão bons auspícios? Por que esse nobre esforço durou tão pouco tempo?

A resposta parece óbvia. Para haver tradicionalismo tem que haver distância. Não se sente saudade do que está perto e a tradição gaúcha estava muito perto no começo do século XX, era uma realidade próxima até mesmo em Porto Alegre. A indumentária campeira era a do dia a dia, a comida idem, as diversões eram fandangos, cavalhadas e carreiras de cancha reta. As carretas e as diligências andavam por todos os lados. O homem se deslocava a cavalo constantemente. Defender o quê, se a tradição não estava ameaçada? Ninguém precisava ir a uma sociedade para ver fandangos e churrascos. Assim, sem traumas e sem nostalgias maiores, aquele pré-tradicionalismo se dissolveu no tempo.

Em 1935 acontece a comemoração do centenário da Revolução Farroupilha e então se inaugura, no antigo Parque da Redenção, já com novo nome – Parque Farroupilha – a primeira churrascaria, estabelecimento

comercial que logo vai ter continuadores em várias cidades gaúchas e que hoje existe em todo o Brasil e praticamente em todo o mundo, hoje revitalizado com a contribuição "do espeto corrido", invenção dos teuto-gaúchos de Sapiranga, gente da família Matte.

Na quarta década do século XX, no bairro de Lomba Grande, em São Leopoldo, um grupo de moços de sobrenome alemão via com preocupação o sucesso da pregação nazista entre a população local e isso não era tanto de admirar quando altas figuras da República e até mesmo generais do Exército brasileiro diziam maravilhas do militarismo alemão na época, com fortes simpatias por suas conquistas militares. Era a doutrina nazista pregada pelos seus diplomatas em Porto Alegre o *jus-sanguinis*, o direito do sangue, sustentando que todo cidadão com sangue alemão nas veias era alemão de fato e de direito. Com isso, a Alemanha chegou a levar para Berlim e integrar ao exército nazista jovens nascidos no Vale do Rio dos Sinos. Mas os moços teuto-gaúchos de Lomba Grande disseram não: nós somos brasileiros, nós somos gaúchos, nós não somos alemães. Com forte sotaque colonial e sem conhecer muito bem as tradições gaúchas, deram ao Rio Grande uma das mais lindas lições de gauchismo, fundando a Sociedade Gaúcha Lomba-gandense em 31 de janeiro de 1938, que existe até hoje, linda e forte e plenamente integrada ao tradicionalismo que o 35 CTG só irá iniciar dez anos mais tarde.

Poucos anos depois, a 19 de outubro 1943, um gaúcho admirável chamado Laureano Medeiros, capitão veterano de revoluções e um grande idealista, que vivia em Ijuí, cidade de forte colonização alemã, teve as mesmas preocupações com o nazismo, já em plena Segunda Grande Guerra. Assim, para chamar à razão a juventude de sua cidade, resolveu fundar o Clube Farroupilha, de forte conteúdo tradicionalista que existe até hoje, cada vez mais prestigiado, integrando-se também, logo depois, ao Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul.

A Libertação Nativista?

Nas letras, assim como no tradicionalismo inicial, o gauchismo arrefecera no começo do século XX. Porém, em 1910, Manduca Pereira Fortes, pseudônimo do poeta Manoel do Carmo, escreve seu belos *Cantares da Minha Terra*. Era uma voz solitária mas vibrante. E, em 1914, deu-se a explosão: aparece a deliciosa sátira campeiro-política *Antonio Chimango*, que o Senador Ramiro Barcelos assinou com o pseudônimo de Amaro Juvenal. Era uma verdadeira obra-prima, inigualável até hoje e que teve grandes seguidores como *A Volta de Antonio Chimango*, de Waldemar Correa, *A Estância do Abandono*, de Zeca Blau e *A Estância de Dom Sarmiento* de Balbino Marques da Rocha.

Em prosa, outra explosão: surgem os **Contos Gauchescos** e as **Lendas do Sul** do grande João Simões Lopes Neto que se qualifica assim como o maior contista regionalista brasileiro de todos os tempos, escritor também que fez pesquisas do folclore de causos de galpão e no cancionero gauchesco, de que resultarão como obras póstumas os *Casos do Romualdo* e o *Cancioneiro Guasca*.

Em 1922, a Semana da Arte Moderna, a partir de São Paulo sacode o Brasil, revolucionando os padrões estéticos da arte brasileira. No primeiro momento, não pareceu comocionar a Província apegada ao padrão *payadoresco* da nossa poesia gauchesca tradicional. Mas então surge, em Porto Alegre, a obra poética de um moço são-borjense de ilustre família, que estudava Direito na velha Casa de André da Rocha. Seu nome? Manoel do Nascimento Vargas Neto, que publica sucessivamente *Gado Xucro* e *Tropilha Crioula*. Usando com maestria o verso branco do modernismo e uma surpreendente acuidade campeira, Vargas Neto incendiou a emoção dos jovens com poemas que se recitavam facilmente em saraus e festas. No rastro de Vargas Neto vem Peri de Castro, Augusto Meyer e Manoelito de Ornellas e, logo, Aureliano de Figueiredo Pinto, Valdomiro Souza, Horácio Paz e Lauro Rodrigues, este último um moço de Santo Amaro, revelado pelos programas gauchescos de rádio.

O Brasil entrara decisivamente na Segunda Guerra Mundial influenciado pelo gaúcho Oswaldo Aranha, que fizera a ditadura de Getúlio Vargas pender para o lado dos Aliados, sob a liderança dos Estados Unidos. Com o final da guerra, as tropas brasileiras voltam vitoriosas, não havia mais lugar para ditaduras caudilhescas. Cai Vargas e o Brasil mergulha de cabeça numa americanização desenfreada.

Paixão Côrtes e os Oito Magníficos

Então, Porto Alegre decide erguer um *Panteon* para abrigar os gloriosos despojos dos heróis farroupilhas. Os restos de Bento Gonçalves já estavam honrosamente guardados na base do monumento erguido na cidade de Rio Grande, mas David Canabarro estava quase esquecido em Santana do Livramento. Em Porto Alegre, um moço do colégio Julio de Castilhos, filho de Livramento, procurou a Liga de Defesa Nacional e se ofereceu para organizar um piquete gauchesco para dar escolta a cavalo ao féretro de David Canabarro, que vinha para inaugurar o anunciado *Panteon*.

Recebida a autorização, João Carlos D'Ávila Paixão Côrtes (alto, esguio, dinâmico, a perfeita imagem do gaúcho campeiro) saiu por Porto Alegre a catar companheiros para a aventura, arreios e cavalos. Assim, no dia 5 de setembro de 1947, ele montou garbosamente com mais sete companheiros, arrancando aplausos da multidão ao longo da avenida Farrapos, até a Praça da Alfândega, onde o desfile fez uma parada

estratégica. Eles ficariam na história como os Oito Magníficos, os verdadeiros iniciadores do Movimento Tradicionalista.

Na Praça da Alfândega chega a Paixão Côrtes um moço de Piratini chamado Luis Carlos Barbosa Lessa, que tem nas mãos um caderno com adesões apoiando a fundação de uma associação tradicionalista. Ao saber que os Oito Magníficos se diziam estudantes do Colégio Estadual Julio de Castilhos, ele, também se declara aluno do Julinho. Logo aparece um moço poucos anos mais velho, de óculos. Ao cumprimentar Paixão Côrtes pela iniciativa, ele disse seu nome: Glaucus Saraiva. Sorrindo, Paixão Côrtes retruca: "mas tu és o poeta autor do *Chimarrão*, que eu declamo!". Assim se reuniu, meio por acaso, a Santíssima Trindade do tradicionalismo gaúcho: Paixão, o dínamo propulsor, Lessa, o estudioso, o grande teórico, Glaucus, o organizador e disciplinador.

Pouco dias depois, sempre por iniciativa do Paixão, realizou-se no Colégio "Júlio de Castilhos" a 1ª Ronda Crioula do Tradicionalismo e, a mais longa de todas: durou 12 dias, desde que um piquete de cinco cavalarianos recolheu no Altar da Pátria, na hora da extinção, à zero hora de 08 de setembro de 1947, uma "mudinha" da chama simbólica. Em rápida galopeada, queimando as mãos, os cinco levaram essa chama para inflamar o Candeeiro Crioulo armado no "Julinho", onde ardeu até 20 de Setembro, o Dia do Gaúcho, data magna do Rio Grande do Sul.



A Ronda Crioula e o CTG “35”

Durante essa primeira Ronda Crioula houve festa com música, poesia, fandango, concursos e discursos. Verificado assim o enorme êxito, no que ajudou o convite que os rapazes fizeram a homens maduros, como Manoelito de Ornellas, Amândio Bicca e Valdomiro Souza, os moços resolveram fundar uma entidade permanente para a defesa das tradições gauchescas.

Agora sim, o gaúcho e seus usos e costumes estão ameaçados. A forte propaganda americana mete goela abaixo da juventude de nossa terra, com a “Seleções”, as revistas em quadrinhos e o cinema, o "cow-boy" e toda uma gama de heróis norte-americanos. E por trás disso tudo se vão às ricas divisas acumuladas pelo Brasil durante o conflito e vem o plástico, o uísque, a Coca-Cola e o chiclé, além das armas velhas e veículos de guerra usados que estão sobrando nos Estados Unidos.

Agora existem muitos jornais em Porto Alegre e no interior do Estado e, só na Capital, três fortes emissoras de rádio Agora, sim, o Rio Grande do Sul parece ter saudade do gaúcho...

A nova entidade que os rapazes sonham fundar seria um clube exclusivamente masculino, só com 35 sócios (para evocar o ano em que começou o Decênio Heróico) e a sede seria um rancho no Parque da Redenção. Mas aí as férias escolares interrompem os planos.

Reencontram-se todos com o começo das aulas, em 1948 e, a 24 de abril, no amplo e sólido porão do solar da família Simch, na Rua Duque de Caxias (hoje existe um moderno edifício no lugar) funda-se, depois de muita discussão, o "35" - Centro de Tradições Gaúchas, nome proposto por Barbosa Lessa. Flávio Ramos propõe o lema: "Em qualquer chão — sempre gaúcho!". Guido Mondin desenha o símbolo: o número 35 atravessado por uma lança de cavalaria. Glaucus Saraiva imagina toda uma nomenclatura campeira para os cargos de diretoria e repartições do novo centro e é eleito como seu primeiro Patrão.

E logo o chamamento do "35" encontrou resposta. A 08 de agosto desse mesmo ano (menos de 4 meses depois da fundação do "35" CTG) os rapazes de Porto Alegre têm que ir a Taquara, onde se funda o CTG "O Fogão Gaúcho", copiando em tudo o modelo proposto pelo Pioneiro, "*sui-generis*", original, único no mundo, onde cada célula (CTG ou entidade tradicionalista afim) guia-se obrigatoriamente pelos mesmos princípios e normas de ação.

Aspectos do Tradicionalismo

O Tradicionalismo tem aspectos especiais e específicos, que são os culturais, divididos em ciências e artes. Os aspectos especiais são cinco e todos fundamentais; faltando qualquer deles, já não se fala em Tradicionalismo.

1. Aspecto cívico — É o que primeiro se nota nas atividades do CTG. Lá estão as bandeiras e os hinos, do Brasil e do Rio Grande do Sul, nas festas, nas solenidades, nos desfiles de cavalaria e nas sedes são comuns os quadros retratando os nossos heróis e figuras patrióticas. O gaúcho, aliás, tem duas pátrias: a Pátria Grande, que é o Brasil e a Pátria Pequena, ou “Chica”, que é o Rio Grande do Sul.

2. Aspecto filosófico — O aspecto filosófico do Tradicionalismo é dado pelos quatro documentos básicos que norteiam obrigatoriamente (aprovados em três congressos e uma convenção) todos os centros de tradições gaúchas. O primeiro documento é a tese "O sentido e o valor do tradicionalismo gaúcho", de Barbosa Lessa, aprovada no I Congresso Tradicionalista do RGS, em Santa Maria, em julho de 1954. O segundo é a tese "A função aculturadora dos centros de tradições gaúchas", de Carlos Galvão Krebs, aprovada no II Congresso Tradicionalista do RGS, em Rio Grande, em julho de 1955. O terceiro é a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista do RGS, de Glaucus Saraiva, aprovada no VIII Congresso Tradicionalista do RGS, em Taquara, em julho de 1961 e o quarto é a tese "A função social do MTG", redigida por António Augusto Fagundes, sob orientação de Onésimo Carneiro Duarte, aprovada pela Convenção Tradicionalista de Lagoa Vermelha, em julho de 1984. Esses quatro documentos fundamentais ditam a filosofia do Tradicionalismo, dando-lhe unidade e tornando-o um movimento. Se não, haveria entidades tradicionalistas com orientação própria, sem um sentido comum, como sucede em outros países.

3. Aspecto ético — Este é o aspecto da filosofia não escrita do Tradicionalismo, que diz sobre o permitido e o proibido dentro das entidades tradicionalistas, mas informalmente. Porque não se realizam bailes de carnaval dentro de um CTG? Porque o Papai Noel não entra em CTG? Porque não existe homossexual no Tradicionalismo? Porque não existe droga? Nada disso é proibido pelos estatutos e regimentos internos e, no entanto, a ética do Tradicionalismo disciplina esses assuntos sem o uso

das sanções, apenas por sua força intrínseca, forte como tudo o que a gente leva naturalmente dentro de si.

4. Aspecto associativo — Toda a entidade tradicionalista reveste obrigatoriamente o caráter de associação civil, organizada e registrada de acordo com a lei brasileira. O Tradicionalismo é obrigatoriamente coletivo. Individual, quando muito, a Tradição.

5. Aspecto recreativo — Além de tudo, o Tradicionalismo precisa oferecer aos associados, também, recreação. Lá está a roda de mate, o churrasco, o arroz-de-carreteiro, o cigarro palheiro e o infalível fandango, que é o momento de recreação por excelência do Tradicionalismo.

O Folclore

Entre os aspectos específicos, ou culturais, do Tradicionalismo, estão as ciências e as artes. As ciências são todas aquelas que, com seus conhecimentos, podem auxiliar o movimento no que se propõe.

A História diz do passado glorioso, homens e momentos que construíram o Rio Grande do Sul. A Geografia localiza pagos e querências, rios, lagoas, cerros, onde às vezes as lendas também estão presentes. A Lingüística estuda o falar gauchesco. A Zoologia, bichos como o cavalo e o boi, fundamentais na história do gaúcho. A Botânica estuda árvores e plantas; sem essa ciência, como saberíamos sobre a erva-mate? E, além dessas, muitas outras ciências.

E o Folclore? Ah, o Folclore!...

Folclore

Entre as ciências que auxiliam o Tradicionalismo, destaca-se, em pé de igualdade com a História, o Folclore. Discutem os especialistas, ainda hoje, se o Folclore é ciência ou apenas uma disciplina científica. O mais correto, porém, é considerar o Folclore como uma ciência autônoma, do quadro das chamadas Ciências Sociais, ao lado, portanto, da História, da Antropologia, da Sociologia, do Direito e das demais.

O Folclore tem campo próprio, método(s) próprio(s) e pode formular leis testáveis tão bem como qualquer outra ciência social. Não considerá-lo ciência é mero preconceito. Ou ignorância crassa.

O Folclore é a ciência que estuda a cultura espontânea do grupo social. A cultura espontânea é aquela que o grupo incorpora naturalmente, sem ensino formal e que dessa mesma maneira se transmite no tempo (de geração em geração) e no espaço (por contigüidade).

O objeto do estudo do Folclore é o fato folclórico, uma criação cultural (quer dizer, não é da natureza, foi criado pelo homem) que tem algumas características próprias: é dinâmico (está sempre em transformação), é coletivo (não existe o folclore de um homem só), é atual (é sempre presente; o passado pertence à História) e frequentemente anônimo (o povo incorpora o fato folclórico naturalmente, como coisa sua, sem se importar com a autoria. Quantos versos do "Martín Fierro" ou do "Antônio Chimango" se folclorizaram?).

Finalmente, o fato folclórico é sempre espontâneo (não se aprende nas escolas, ou através de propaganda dirigida). A cultura espontânea e a cultura erudita são dialéticas, no todo do grupo social. Elas convivem obrigatoriamente, uma não vive sem a outra. Se não existe, por exemplo, a cultura erudita, toda a cultura do grupo é espontânea e assim deixa de ser folclórica para ser tribal, interessa à Antropologia e não ao Folclore. E mesmo na cultura erudita mais sofisticada, lá está o fato folclórico: um astronauta americano não fez gestos folclóricos, na Lua...? Outro, não levou uma figa da Guiné, no bolso do seu macacão espacial?

Ninguém conhece um povo se não conhece o seu folclore. Folclore com "f" minúsculo é a soma dos fatos folclóricos. Com "F" maiúsculo, é a ciência que o estuda. Por isso se diz que o Folclore estuda o folclore. E é verdade.

O folclore não entra pelo cérebro, mas pelo coração. Ao demonstrar a fraternidade primordial entre os povos, o Folclore é a ciência do amor. Ou, como disse Carlos Galvão Krebs: "O Folclore mostra que o homem não é o lobo do homem, mas o irmão do homem".



O regionalismo

O Regionalismo é uma subcorrente do Romantismo, movimento que derrubou, ainda no século passado e no mundo, todos os padrões do Classicismo.

O Regionalismo gauchesco, na prosa, começou com Caldre e Fião, gaúcho na Corte e com José de Alencar, cearense na Corte. O primeiro escreveu os romances "A Divina Pastora" e "O Corsário" (1851) e o segundo, o romance "O Gaúcho" (1865).

Na poesia, o Regionalismo gauchesco começou com Bernardo Taveira Júnior, com suas "Provincianas" (1874) e Múcio Teixeira, com suas "Flores do Pampa" (1872), ambos já pertencendo ao movimento porto-alegrense, de cunho regionalista, chamado Partenon Literário, de junho de 1868, em plena Guerra do Paraguai. Antes deles, além, é claro, das poesias folclóricas, só o Soneto Monarca, de Caldre e Fião.

O Partenon Literário vai consagrar Apolinário Porto Alegre, como prosador. Depois, surgirão, na prosa, Roque Callage, João Mendes de Taquari, Luiz Araújo Filho, João Simões Lopes Neto, Alcides Maya, Darcy Azambuja, Érico Veríssimo e Barbosa Lessa, além de outros.

Na poesia, aparecem Manoel do Carmo ("Cantares da Minha Terra"), Ramiro Barcelos ("Antônio Chimango"), Vargas Neto, Pery de Castro, Manoelito de Ornellas, Augusto Meyer, Waldemar Correia, José Figueiredo Pinto, Balbino Marques da Rocha, Aureliano de Figueiredo Pinto, Juca Ruivo, Lauro Rodrigues, Glaucus Saraiva, Horácio Paz, Waldomiro Souza, Cyro Gavião, João Palma da Silva, Silvio Duncan, Lacy Osório, Jayme Caetano Braun, Apparicio Silva Rillo, Mozart Pereira Soares, José Hilário Retamozo e muita gente boa mais, a ponto de justificar a fundação da "Estância da Poesia Crioula", verdadeira academia de letras do Regionalismo gauchesco.

Mas o Regionalismo, como corrente artística que é, aproveita em todas as artes os temas regionais. Não se exaure apenas na prosa e no verso. Existe entre nós e é muito forte também no canto e na música, como nos festivais da canção gaúcha, que espalham músicas e canções através de discos, a cada ano. Existe nas artes visuais, com esculturas e pinturas. Nas artes cênicas, como em peças de teatro e balé, no rádio, no cinema, na televisão. Tudo isso é Regionalismo.

CARTA DE PRÍNCÍPIOS DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA DO RIO GRANDE DO SUL

Definição: Tradicionalismo ou Movimento Tradicionalista é um organismo social, perfeitamente definido e estatuído, de natureza cívica, ideológica doutrinária, com características próprias e singulares que o colocam em plano especialíssimo no panorama da vida rio-grandense, brasileira e americana.

Cumprindo ciclos sociais, culturais, literários e artísticos de natureza nativista, procurando influir em todas as formas de manifestação da vida e do pensamento rio-grandenses, o Tradicionalismo gira em uma órbita que tem como centro os problemas rurais da nossa terra, o homem brasileiro em geral e o rio-grandense em particular, sua maior expressão, e onde estão fixadas as suas raízes mais profundas.

Objetivos:

O Tradicionalismo tem por objetivos:

- I. Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo.
- II. Cultuar e difundir nossa História, nossa Formação Social, nosso Folclóre, enfim, nossa Tradição, como substância basilar de nacionalidade.
- III. Promover, no seio do nosso povo, uma retomada de consciência dos valores morais do gaúcho.

- IV. Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo e combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resulta.
- V. Criar barreiras aos fatores e idéias alienígenas que nos vêm pelos veículos normais de propaganda e que sejam diametralmente opostos ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do nosso povo.
- VI. Preservar nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, formas de lides e artes populares.
- VII. Fazer de cada C T G um núcleo transmissor de herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais, etc., criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio, para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.
- VIII. Estimular e incentivar o processo aculturativo do elemento imigrante e seus descendentes.
- IX. Lutar pelos direitos humanos de Liberdade, Igualdade e Humanidade.
- X. Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais que têm como característica essencial a absoluta independência de sectarismos políticos, religiosos e raciais.
- XI. Acatar e respeitar as leis os poderes públicos legalmente constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios de regime democrático vigente.
- XII. Evitar todas as formas de vaidade e personalismo que buscam no Movimento. Tradicionalista veículo para projeção em proveito próprio.

- XIII. Evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou financeira.
- XIV. Repudiar, enfim, todas as manifestações e formas negativas de exploração direta ou indireta do Movimento Tradicionalista.
- XV. Prestigiar e estimular quaisquer iniciativas que, sincera e honestamente, queiram perseguir objetivos correlatos com os do Tradicionalismo.
- XVI. Incentivar, em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais.
- XVII. Influir na Literatura, Artes Clássicas e Populares e outras formas de expressão espiritual da nossa gente, no sentido de que se voltem para os temas nativistas.
- XVIII. Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos, combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais.
- XIX. Estimular e amparar as células que fazem parte do seu organismo social.
- XX. Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e privadas, principalmente nos colégios e no seio, do povo, buscando conquistar para o Movimento Tradicionalista a boa vontade e a participação dos representantes de todas as classes e profissões dignas.
- XXI. Comemorar e respeitar as datas, efemérides e vultos nacionais e, particularmente, o dia 20 de Setembro, como data máxima do Rio Grande do Sul.
- XXII. Lutar para que seja instituído, oficialmente, o DIA DO GAÚCHO, em paridade de condições com o "Dia do Colono" e outros "Dias" respeitados publicamente.
- XXIII. Pugnar pela independência psicológica e ideológica do nosso povo.

- XXIV. Revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade.
- XXV. Procurar o despertar de consciência para o espírito cívico de unidade e amor à Pátria.
- XXVI. Pugnar pela fraternidade e maior aproximação dos povos americanos.
- XXVII. Buscar, finalmente, a conquista de um Estágio de Força Social que lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas classes rio-grandenses, para atuar real, poderosa e eficientemente, no alevantamento dos padrões de moral e de vida do nosso Estado, rumando, fortalecido, para o campo e o homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo, assim, sua alta destinação histórica em nossa Pátria.

Parágrafo único – Esta carta está sujeita a modificações e acréscimos em futuros Congressos Tradicionalistas, conforme as necessidades.

(Esta Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul, redigida por Gláucus Saraiva, foi aprovada pelo 8º Congresso, realizado de 20 à 23 de julho de 1961, na cidade de Taquara, Estado do Rio Grande do Sul.)

Comissão Relatora:

Irmão Bento José Labre
Cap. Hugo da Cunha Alves
Frei Clarêncio de Tapejara
Dr. Gilberto Prates
José Paim Brites